

Roosevelt Pinheiro

*Sem nunca ter recebido a atenção de políticos, ruas e casas da Vila agora não têm mais sossego*

Candidatos infernizam moradores do Paranoá

Com cerca de 25 mil habitantes, cheia dos mais diversos problemas, a começar pela vida em faixa de ofimiseria absoluta, a Invasão da Vila Paranoá, localizada atrás do Lago Sul, tem agora mais uma complicação. São os candidatos brasilienses à Câmara e Senado que invadem ruas e barracos à cata dos 12 mil votos que dali sairão a 15 de novembro.

Os carros dos candidatos, com alto-falantes no mais alto som, perturbam os moradores que sofrem ainda a poluição visual de faixas, cartazes e o assédio, "nas ruas, no lar, ou em qualquer lugar", na tentativa de uma "conversinha ao pé do ouvido".

O sentimento geral é de pessimismo dos eleitores. Acostumados a não receberem a menor atenção, ouvem agora pessoas que sequer conhecem, com promessas que variam desde a instalação de moderna rede de água e esgotos, até a concessão do título definitivo de propriedade dos barracos em que até hoje vivem, no meio da miséria.

Os candidatos não dão descanso e, até o dia 15 de novembro, esse clima deverá continuar, enquanto os moradores têm pelo menos uma certeza, a de que neste período nada será feito, objetivamente e, o pior, desacreditam que isso se altere depois da eleição.

Francisco Jorge Portela, o primeiro morador da Vila, afirma que nem com a campanha diária os candidatos conseguiram a confiança da população. "Quem promete tanto pela gente, teve nestes 29 anos muito tempo para fazer alguma coisa. E quem nos garante que depois das eleições eles não vão se esquecer do que prometeram?", comenta.

Seu Francisco é dono de uma venda na Praça São Jorge e declara que já está cansado de não ter água encanada e sua situação regula-

rizada como proprietário do lote. "Dependemos da água vendida pelos carros-pipa. Pagamos muito caro por ela e mesmo assim sempre falta. E ninguém resolveu um problema simples como esse até hoje".

Mas a opinião de Seu Francisco não é isolada. Assim como ele, pensa a maioria dos moradores, que não acredita que alguém esteja realmente disposto a resolver os problemas da comunidade local. É comum ouvir no Paranoá a frase: "Não sei ainda em quem vou votar, na hora decido", ficando transparente a idéia de que se o voto não fosse obrigatório, o comparecimento às urnas em 15 de novembro seria significativo.

A indefinição não faz, no entanto, com que a Vila não tenha o colorido da campanha política. Quase todas os barracos têm a aparência de comitês eleitorais, por estamparem nas portas e janelas, cartazes de vários candidatos.

Maria do Carmo Santos, por exemplo, colou na fachada de sua casa cartazes de dois candidatos que pertencem a partidos diferentes e apresentam propostas um pouco divergentes. Ela explica que considera "os dois muito simpáticos", mas não sabe se votará neles. "Colei os cartazes porque me visitaram e pediram e não vejo nada demais nisso".

A distribuição exagerada de panfletos e o barulho provocado pelos carros de campanha realmente não agrada. A comerciante Maria Saraiva, que mora na Vila há 9 anos, não gosta da "gritaria que eles provocam a noite toda", principalmente, quando tem comício. Ela informou, que na Praça são realizados mais de dois comícios diários, "mas não gostamos porque ninguém faz nada, só falam. E tem muito tempo que a gente escuta promessas e nada muda".